

Kenneth Mathews, Gênesis, Sessão 3A, A História do Jardim

© 2024 Kenneth Mathews e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Kenneth Mathews em seu ensinamento sobre o livro de Gênesis. Esta é a sessão 3A, A História do Jardim, Parte 1, Gênesis 2:4-3:24.

A sessão 3 é A história do jardim. Sob o cabeçalho das gerações no capítulo 2, versículo 4, a história do jardim chega ao capítulo 4, versículo 26. Outra maneira de entender a história do jardim é em termos de conteúdo, de modo que o capítulo 2, versículo 4, até o final do capítulo 3, versículo 24, esses dois capítulos tratam de eventos dentro do jardim. O capítulo 4, versículos 1 a 26, refere-se ao que acontece com a família humana fora do jardim.

Então, vamos primeiro falar sobre como o relato da criação do capítulo 2 está relacionado com o capítulo 1. Eu havia dito em uma ocasião anterior que os capítulos 1 e 2, os dois relatos da criação, são complementares, e a relação é aquela em que a criação geral é especificado com referência ao sexto dia, quando a família humana foi criada por Deus à sua imagem. Então, quando olharmos para o cabeçalho do capítulo 2, versículo 4, você descobrirá que ele mostra o eco do capítulo 1, versículo 1. Deixe-me prosseguir olhando para o capítulo 2, versículo 4. Este é o relato dos céus e a terra, ou poderíamos dizer as gerações dos céus e da terra quando foram criados. Então observe que esta é a linguagem que você encontrará no capítulo 1, versículo 1 – continuando quando o Senhor Deus fez a terra e os céus.

Então, notaremos que há um paralelo com o versículo inicial, e então encontraremos um paralelo entre o que descobrimos no capítulo 1, versículo 2, e no capítulo 2, versículos 5 e 6. No capítulo 1, versículos 2 e seguintes, você notará e se lembrará que o capítulo 2, versículo 2, descreveu como era a terra antes de Deus dizer no versículo 3, haja luz. O que aprendemos foi que a terra improdutiva, e depois a terra vazia e desabitada, não era propícia ao sustento da vida humana. E assim, nos primeiros três dias, Deus falou sobre como a terra era improdutiva, mas no terceiro dia ela produz vegetação.

E então os dias quatro, cinco e seis refletem uma terra desabitada, mas Deus preencheu a criação nos dias quatro, cinco e seis com pássaros no ar, e você tem peixes do mar, e então o animal terrestre no sexto dia, e depois a família humana. Mas o contraste seria entre o versículo 2 e o versículo 3. No versículo 2, se você se lembra, tínhamos três cláusulas, três descrições das circunstâncias no tempo em que Deus disse: haja luz. E no primeiro caso, tivemos aquela descrição da terra que era sem forma e vazia.

E depois havia a água do mar. E terceiro, embora houvesse isso, apenas por conversa casual, caos, era circunscrito pela presença da administração pelo Espírito de Deus. E essa seria sua terceira descrição.

Quando se trata do capítulo 2, versículos 5 e 6, de forma semelhante, temos três circunstâncias que estão descritas antes que Deus disse no versículo 7, ou melhor, que a narrativa diz no versículo 7, o Senhor Deus formou o homem. Isso foi necessário para que houvesse uma horta funcional que produzisse a vegetação que sustentaria a vida humana. A primeira circunstância é que no versículo 5 nenhum arbusto do campo ainda havia aparecido na terra.

E segundo, nenhuma planta do campo ainda havia surgido. A terceira é encontrada no versículo 6, mas riachos subiam da terra e regavam toda a superfície da terra. Entre os versículos 5 e 6, ou no final do versículo 5, temos expressado o motivo pelo qual não havia planta.

Isso ocorre porque o Senhor Deus não enviou chuva à terra e não havia cultivador. Não havia jardineiro para trabalhar a terra. E assim, Deus começa a reverter essas circunstâncias e a produzir um cultivador, e então o cultivo do jardim.

Por exemplo, o versículo 15 do capítulo 2 diz, o Senhor Deus pegou o homem e o colocou no jardim do Éden para cultivá-lo e cuidar dele. Agora, quais são algumas das diferenças entre os capítulos 1 e os capítulos 2 a 4? E isto é, por que é vantajoso para o contador de histórias nos dar dois relatos da criação? Bem, em Gênesis capítulo 1, há uma ênfase na simetria, o princípio organizacional destes seis dias mais um, o sétimo dia. Então isso nos diz que Deus foi um grande designer e que ele estava progressivamente visando um objetivo que alcançou.

Temos a linguagem estereotipada recorrente. Por exemplo, o melhor para lembrar é que houve noite, houve manhã e depois o primeiro, o segundo e o terceiro dia. Além disso, você deve se lembrar que no capítulo 1 existe uma configuração universal.

É cósmico em sua descrição e há um ritmo muito rápido à medida que avançamos dia após dia como leitores. Além disso, o nome de Deus, Elohim, simplesmente traduzido como Deus, a palavra hebraica Elohim é escrita ELOHIM. Este nome para Deus tem sido tipicamente entendido como enfatizando, como encontramos aqui neste capítulo, a ideia de divindade e divindade.

E neste capítulo, o Deus todo-poderoso que fala e produz o universo. E então a linguagem técnica que é usada, por exemplo, a palavra criar, nesta palavra em hebraico é bara, bara, bara, que é usada no Antigo Testamento quando Deus é o sujeito para que possa ser tomada como uma linguagem especial referindo-se ao

que Deus faz, Deus cria. Então, a palavra, por exemplo, imagem, novamente, deve ser uma linguagem técnica muito específica, clara, que deve ser explicada e interpretada.

Da última vez, quando falamos sobre a imagem de Deus, você deve se lembrar que estávamos falando sobre como Deus criou o homem e a mulher de tal forma que havia um compartilhamento, a possibilidade de um compartilhamento numa base relacional, e que Deus tem personalidade, e que homens e mulheres têm personalidade. Agora, quando falo sobre pessoa, como homens e mulheres são pessoas, e Deus é uma pessoa, não quero que concluamos que Deus é exatamente o mesmo que nós somos pessoas. É a linguagem pessoa que nos ajuda, por analogia, a entender que Ele é um ser, um ser pessoal, um ser vivo animado, não apenas um princípio, não apenas isso, não apenas uma força, nenhuma dessas coisas, mas um ser pessoal.

Quando se trata de fazer analogias, esta é a única maneira de Deus se comunicar efetivamente conosco, porque somos finitos e temos limitações, ao passo que Ele é infinito, sem quaisquer limitações. Portanto, quando se trata de fazer equações, a razão pela qual podemos fazer equações comparando coisas com coisas é porque conhecemos ambos os lados da equação. Então, aqui está um exemplo onde temos, digamos, uma bola amarela, e depois há o sol, que é amarelo em seu caráter geral, e assim conhecemos ambos os lados da equação, e podemos ver alguma analogia entre os dois, o sol e depois uma bola amarela.

Mas quando se trata de Deus, conhecemos apenas metade da equação, e isso é a experiência e o conhecimento humanos. Estamos limitados ao que Deus é em Sua totalidade, tudo o que poderíamos saber sobre Deus. Deus revela as coisas mais essenciais sobre Si mesmo para que possamos desfrutar desse relacionamento especial que temos com nosso Criador.

Assim, podemos conhecer a mente de Cristo, podemos conhecer a mente de Deus, nosso Criador, e de Seu Filho pessoalmente, mas apenas porque Deus escolheu revelar a Sua mente. Então, nós temos isso, mas não temos toda a Sua mente. Agora, quando se trata dos capítulos dois e quatro, encontramos um grande contraste, enquanto no capítulo um há uma prosa elevada, e dos capítulos dois a quatro, encontraremos de repente uma familiaridade.

É muito terreno. É uma história com um enredo narrativo com participantes, com discurso direto e discurso indireto, mudança de causa e efeito que você normalmente vê em um enredo narrativo, e é altamente processional desde esse evento e depois sua consequência ou resultado. Então, você descobrirá que o jardim é um cenário local versus o cenário universal, que é cósmico.

Depois, há um ritmo lento e focado no sexto dia. Agora, o que é impressionante no capítulo dois com seu versículo quatro, seu cabeçalho é que temos outro nome para Deus que está acoplado ao nome encontrado no capítulo um, Deus, Elohim. Isto é encontrado no capítulo dois, versículo quatro, onde a palavra SENHOR é anotada.

Além disso, isso é importante, pois está em versalete. Cada vez que você encontra em sua leitura uma tradução em inglês no Antigo Testamento, onde você tem letras maiúsculas, SENHOR em maiúsculas, que é uma tradução de uma palavra hebraica que é especial, que é única, e que é o nome hebraico, Senhor. Vou soletrar YAHWEH.

Yahweh é identificado no Antigo Testamento como o Deus da aliança de Israel. E ele atende por esse nome, que ele revelou, e explicou a importância do nome Yahweh. Você encontrará isso em Êxodo e, por exemplo, em Êxodo capítulo três e Êxodo capítulo seis, bem como em Êxodo capítulos 33 e 34, onde o nome de Yahweh é explicado.

Agora, isso não significa que o nome Yahweh era desconhecido antes da época de Moisés, mas sim que o nome foi mais completamente compreendido e explicado na época de Moisés. Assim, já no capítulo dois, versículo quatro, ocorre o nome Yahweh. Além disso, o que é mais importante, o último versículo do capítulo quatro diz que naquela época, pessoas ou homens começaram a invocar o nome de Yahweh, o que significa que havia uma adoração comum a Deus sob e pelo nome de Yahweh.

Além disso, nos capítulos dois a quatro, você descobrirá que é um tipo de linguagem de conversação comum, não técnica, e que há vários jogos de palavras. É aqui que a linguagem é usada para realçar o significado do que é descrito. E um muito bom, é claro, seria encontrado em outro que você provavelmente já conhece, e que se encontra no capítulo dois, versículo 23.

O homem disse, isto agora é osso dos meus ossos, referenciando a mulher, Eva, e carne da minha carne, ela será chamada, e vou pronunciar errado para deixar claro, ai homem, pois ela foi tirada do homem . Então, há uma peça sendo exibida em inglês, e é uma sorte que você possa fazer isso em inglês, pois há uma unidade, uma conexão entre o homem aflito e o homem. Em hebraico, você ouve, a palavra para ai, homem, mulher, em hebraico é ish, shah, ish, ISH, ish, e então shah, SHA.

E a palavra para homem aqui é ish, ish, ISH. Então, esses são os tipos de jogos de palavras que ocorrerão frequentemente na narrativa hebraica, e este é apenas um exemplo. Então, quando vocês analisam em conjunto, o capítulo um testifica da palavra todo-poderosa e autorizada de Deus, que é totalmente separada, totalmente diferente das criaturas, da criação, e então como ele projetou a criação para sustentar a vida humana, e como ele fez a vida humana com a capacidade de se relacionar com ele como pessoas, e que haja um sétimo dia comemorativo, um dia em que há um dia designado santo, dado santo e completamente em adoração e celebração da criação de Deus.

Quando você junta tudo isso e compara com os capítulos dois a quatro, você tem a ideia complementar do compromisso da aliança por parte de Deus. Descobriremos que a criação e o homem, da mulher, têm esta capacidade de desfrutar dos bons dons da criação de Deus, especialmente daquele jardim, e que existe uma comunhão especial

que Deus tem com a humanidade e não o que encontramos nas criaturas, outras criaturas. Devo também salientar que, à medida que avançamos nos capítulos dois e três, há uma diferença no capítulo dois, onde há uma harmonia, uma comunidade de Deus e da humanidade, a humanidade e como existe dentro da humanidade uma harmonia entre a mulher e o homem, e então como também existe paz entre o homem e a mulher, a humanidade e as criaturas do jardim.

Infelizmente, isso será interrompido como resultado do que encontramos no capítulo três, que é a desobediência por parte do homem e da mulher. Agora, as coisas estão quebradas nessas relações harmoniosas. Descobriremos que esse relacionamento importantíssimo e importantíssimo é rompido quando toda a criação obedece à palavra do Senhor no capítulo um, e foi assim, e foi assim, e foi assim.

Mas no capítulo três descobrimos que a humanidade escolhe desobedecer ao Senhor e, portanto, há um relacionamento rompido. Deus tem um relacionamento de criador com todas as suas criaturas, toda a humanidade. Mas estamos falando aqui de um relacionamento que é fornecido e será recuperado através e em nome da humanidade pelo próprio Deus.

E assim, sabemos como leitores cristãos, isto é conseguido através de Deus no Senhor Jesus Cristo, que nos reconcilia com Deus e repara, mas excede até mesmo a relação que primeiro se rompeu entre os nossos primeiros pais e a de Deus. Além disso, no capítulo três, descobriremos que existe uma ruptura na família humana. Nos oráculos do julgamento, que leremos daqui a pouco, há conflito, uma batalha entre a mulher e o homem.

E isso é encontrado para nós no capítulo três, versículo 16. Em uma discussão anterior da última vez, falamos sobre a batalha entre a descendência da mulher e a descendência da serpente no capítulo 3:15. Então, a serpente que representa o mundo animal, você vê, há uma fratura, há um colapso nessa coexistência pacífica entre o homem e a mulher e as outras criaturas do mundo animal.

Agora há uma observação, podemos observar juntos enquanto eu trabalho na descrição da criação do homem. Mas primeiro, basta notar que há uma ênfase no estreitamento do jardim e na criação do seu cultivador. Você notará no versículo cinco que ele usa a descrição de que ainda havia aparecido na terra.

Agora, esta palavra terra também pode ser traduzida como terra. E eu acho que o que pode estar acontecendo aqui é que nos movemos da terra para a terra e Deus não enviou chuva para a terra. Aqui representamos a terra na nova versão internacional, mas passamos da terra para uma terra específica que agora é descrita.

E a razão pela qual falo disso como terra é porque no versículo seis fala da terra, mas riachos subiam da terra e regavam toda a superfície da

terra. Então, passamos de terra em terra. E então, se você olhar o versículo oito, agora o Senhor Deus plantou um jardim no Oriente, no Éden.

Então, esse jardim fica numa região de uma área que é identificada como Éden. Isso ficará próximo ou claro. Se você olhar o versículo 15 novamente comigo, o Senhor Deus pegou o homem e o colocou no jardim do Éden.

Então, este é um jardim que aparece no Éden. Passamos de terra em terra até o Éden, e então o jardim específico, dentro da região do Éden, torna-se arável porque tem uma boa fonte de água que encontramos nos versículos 10 a 14. Então, inicialmente, havia os riachos, e poderia haver ser traduzido como névoa.

Isto seria, talvez; não sabemos com certeza quais águas subterrâneas forneceram alguma água para o trecho terrestre. Dentro disso, o Éden terá rios nesta região, que são identificados nos versículos 10 a 14. Dois desses rios que conhecemos são o Tigre-Eufrates, que estaria no sul do Iraque, onde esses dois rios se encontram na Mesopotâmia.

Os outros dois rios não conhecemos, Pison e depois também Gison. Pison e Gison, este dístico rimado, não os conhecemos. E pode ser concebido como um meio literário de dizer que existem dois rios antigos que não são mais recuperáveis.

Mas ajuda-nos a compreender a região geral onde o jardim foi encontrado. E sabemos, pelas nossas recuperações arqueológicas e também pelo que sabemos da história geológica, que o centro da civilização estava no Vale da Mesopotâmia.

Agora, vamos falar sobre a criação do homem no versículo 7. No versículo 7, temos uma linguagem que retrata Deus de uma forma altamente antropomórfica.

Em outras palavras, ele está descrevendo Deus como descreveríamos um ser humano. Assim, no versículo 7, somos informados de que o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida e o homem tornou-se um ser vivente. Em primeiro lugar, a palavra formada é a palavra usada por um oleiro que transforma o barro em cerâmica.

E assim, você tem uma descrição íntima e altamente antropomórfica de Deus que está pairando sobre a criação do homem usando o pó do solo e moldando-o na forma de um homem. Agora, porque existe esse riacho, pode-se entender melhor que não era pó como pó, mas sim com o solo, e então as águas superficiais, a argila e a lama poderiam ser moldadas e formadas. Então, somos informados de que Deus, pairando sobre a figura de barro, soprou o sopro da vida.

Esta é a fonte de energia da vida. E assim, através desta inspiração, a figura torna-se animada, viva. Então, você sugeriu aqui que temos um animado e um

inanimado quando se trata da criação de Deus, para que tenhamos o corpo e depois o espírito humano.

E o corpo e o espírito humano ganham vida. E portanto, a consequência é que o homem se tornou, e essa palavra se tornou é importante na nossa tradução, um ser vivo. Essa palavra, estando em nossas traduções, tradicionalmente tornou-se uma alma vivente.

A palavra hebraica que é traduzida na Nova Versão Internacional e em muitas outras versões é a palavra nephesh. Nefesh. E eu vou soletrar isso para você. NEFÉS. NEFÉS. Nefesh.

E quando você fizer um estudo sobre a palavra nephesh, descobrirá que a palavra tem significado e uso mais amplo do que a palavra alma. A razão pela qual ser é uma tradução melhor é porque a palavra nephesh pode se referir à entidade inteira, à pessoa inteira, não apenas ao imaterial. A alma pode sugerir simplesmente o imaterial e não leva em conta o corpo.

Um dos problemas com a alma é que ela pode ser mal interpretada pelos nossos leitores contemporâneos como um princípio eterno, um ser eterno, tal como encontramos na filosofia grega que entende a alma como um derivado do Deus universal, a alma universal. Na Bíblia, porém, devemos entender que a alma não é entendida dessa forma, mas sim a ideia bíblica é todo o ser de uma pessoa. Por exemplo, há naquelas passagens onde você tem um salmista reflexivo que fala da minha alma, e ele começa a pensar sobre si mesmo reflexivamente, internamente, interiormente, e ele fala com a sua alma, com o seu ser.

Ou quando encontramos uma pessoa morta, ela pode ser descrita como uma nephesh morta, um ser morto. Portanto, ser é uma tradução muito útil e, penso eu, precisa do que acontece aqui, de que o homem não é um princípio eterno ou uma alma eterna; ele é decididamente mortal, e nephesh aqui significa um ser vivo versus um ser morto. Mas um ser completo que tem personalidade.

Há outra imagem que é altamente antropomórfica e que se encontra com a criação da mulher. E começando com a segunda metade do versículo 20, para o homem, ou poderíamos começar a traduzir em algumas de nossas versões, o nome pessoal Adão. O homem é Adão, e é claro que você tem o nome pessoal Adão, e é simplesmente uma daquelas muitas palavras que brincam com o nome do homem, Adão.

As versões irão discordar sobre quando deve ser traduzido como nome pessoal ou quando ainda deve ser traduzido em um som genérico, cara. Mas você pode ouvir o jogo de palavras com Adão, que é homem, e então a palavra para a base a partir da qual o homem foi criado, e isto é, vou pronunciar-la lentamente, Adamah. Adão e Adamah.

E assim, isto certamente fala da vulnerabilidade do homem; o homem é frágil e o homem é limitado. Então, quando se trata da criação da mulher, descobriremos no versículo 21 que Deus tirou uma das costelas do homem, diz-se que isto é tradicionalmente, tipicamente a forma como você tem suas traduções, a forma como as pessoas entenderam, mas na verdade significa apenas um lado, como a lateral de um barco. A questão é que ele pegou a costela ou costelas, a lateral do homem, e fez uma cirurgia no homem fechando-o.

Mas observe que diz no versículo 21 que o homem cai em um sono profundo. E isto é muito útil porque o homem não pôde observar a criação da mulher. A mulher é totalmente diferente do que ele tinha visto em contraste com os nomes dos animais nos versículos 19 a 20.

E assim, isso preserva o mistério e realmente a importância e a magnitude da mulher que é identificada como sua ajudadora. O versículo 18 não é bom em contraste com o capítulo um, que diz repetidamente que os passos de Deus são bons porque o caos é transformado no cosmos, ao final do qual permite o sustento e a sustentação da vida humana; ele diz que é muito bom o que Deus diz sobre sua ordem criada no capítulo um. Portanto, não é bom que o homem fique sozinho, e é compreensível que Deus tenha criado uma ajudadora adequada para ele.

E a maneira pela qual Deus criou a mulher, se você notar, tem a ideia de um edifício, transformando a mulher em, uh, a partir de uma costela. Então, diz no versículo 22, o Senhor Deus edificou uma mulher, fez da mulher um empreiteiro que constrói, e ele a trouxe como presente ao homem. Agora, por que não era bom que o homem ficasse sozinho? E isto é muito útil para lembrarmos que quando Deus criou a humanidade, ele criou o homem e a mulher como seres sociais.

Aqui está uma comunidade de microcosmo e como o homem e a mulher prosperarão na comunhão, num relacionamento comunitário, em vez de viverem isolados. Mas ainda mais importante, você lembrará que a bênção envolve procriação. E assim, pela criação de um homem e uma mulher, dois sexos diferentes, que por seu relacionamento sexual, então eles produzirão uma progênie de vida humana como parte da bênção de Deus.

Então, quando tomamos isso em conjunto, a linguagem antropomórfica, ela nos mostra o cuidado e a intimidade que Deus dá na criação do homem e da mulher. Devo também acrescentar aquele versículo 18 onde o versículo 20 fala de um ajudante adequado. Esta é uma linguagem que chama a atenção no seu hebraico, porque é uma combinação de palavras e o significado é essencialmente um ajudante correspondente, alguém que corresponde ao homem.

Novamente, esta é uma forma pela qual, num tipo diferente de linguagem, uma linguagem comum, uma linguagem coloquial, uma linguagem de representação altamente pictórica, estamos falando sobre a imagem e que Deus criou o homem e a mulher à sua imagem. E assim, o homem

e a mulher participam na criação plena como seres humanos. Dentro dessa humanidade, podemos diferenciar com base na sua sexualidade.

A sexualidade que o homem e a mulher praticam é uma bênção de Deus. É um compromisso de Deus através do qual o bem que Deus tem em mente para a família humana, uma bênção, será realizado. A sexualidade humana, quando realizada de acordo com a vontade de Deus, é um grande prazer e uma bênção.

E então também eu diria que porque Deus cria o corpo, como vemos na criação do homem e como vemos na criação da mulher, aqueles que considerariam o corpo mau, tanto na antiguidade como até hoje, aqueles que tentam subjugar o corpo abusando do corpo, ou o contrário, não restringindo os desejos do corpo, mas sendo licenciosos no corpo. Hedonista, apenas movido pelo prazer. São dois extremos que não correspondem ao que a Bíblia ensina a respeito do corpo.

Nós, como leitores cristãos, sabemos pela correspondência coríntia que o apóstolo Paulo fala até do corpo da pessoa individual e da igreja como um corpo de crentes, que o Espírito Santo habita o nosso corpo e que ele habita no crente cristão. Além disso, podemos dizer que o próprio Deus honra o corpo humano ao vir no Senhor Jesus Cristo total e completamente a este mundo como um ser humano. E então, além disso, além disso, que o corpo é ressuscitado e temos um novo corpo ressuscitado em nosso Senhor Jesus Cristo.

E nós também, que somos crentes em Cristo, teremos a experiência de um corpo ressuscitado que está apto, que é apropriado para uma vida celestial com Cristo. Portanto, a sexualidade humana é uma bênção de Deus. O corpo é uma bênção de Deus.

O que acontece no jardim é planejado pelo amor de Deus para promover o que é bom para o homem e para a mulher. Assim, quando se trata da descrição nos versículos 8 a 14 do capítulo 2, encontramos a beleza e a produtividade da criação de Deus na qual ele coloca o homem e depois a mulher. Observe o que diz no versículo 9, todos os tipos de árvores, assim como vimos a diversidade no relato da criação no capítulo 1 e como cada etapa da criação da vida animada se produziu conforme sua própria espécie.

Agora, temos uma variedade de tipos no que diz respeito à árvore que está se reproduzindo. E nos disseram que era agradável aos olhos. Era atraente, bom e nutritivo como fonte de alimento que sustentaria a vida humana.

E com destaque, havia duas árvores. A primeira árvore, a árvore da vida, indicava que havia vida disponível no jardim e que, ao participar da árvore da vida, a vida de uma pessoa seria sustentada. Homens e mulheres não foram criados inicialmente como imortais.

Eles foram criados como mortais. Só Deus, na sua constituição, no seu ser, é imortal. Homens e mulheres podem entrar na vida eterna com Deus, na vida eterna, como diz o apóstolo Paulo em 1 Coríntios 15, que este corpo mortal nesta mortalidade será transformado em imortalidade.

Assim, a árvore da vida representa o princípio de vida que está disponível no jardim. E isto tem a ver com a presença de Deus no jardim. A segunda árvore é a árvore do conhecimento do bem e do mal.

E embora haja muito debate sobre a compreensão do que diz respeito a essa árvore, penso que há boas razões para concluir que o conhecimento do bem e do mal tem a ver com sabedoria. E esta é uma grande busca na antiguidade. Valor atribuído à sabedoria, e ela era muito procurada no antigo Oriente Próximo em suas histórias mitológicas, buscando a vida e buscando a sabedoria.

E estes dois grandes desejos da humanidade continuam em cada um de nós, querendo a vida e também querendo a sabedoria de Deus para saber viver eficazmente a nossa vida. Então, Deus nos deu desejos. É bom ter vontade de comer.

É bom que você tenha vontade de trabalhar. É bom que você deseje ter relações sexuais e constituir família. Tudo isso e muito mais, a beleza estética do jardim, conforme descrito nos versículos 10 a 14, da beleza do ouro e do ônix e das diversas partes do jardim.

Agora, tudo isso é um bom desejo, mas não podemos ser escravizados aos nossos desejos. Pelo contrário, os nossos desejos, para que tenham valor, para que os nossos desejos sejam livres da compulsão e da obsessão irracionais que inevitavelmente levam ao desapontamento e à destruição, têm de ser curvados pela bondade de Deus, que nos mostra que os nossos desejos devem estar sujeitos ao bem maior que Deus tem para nós, a sua vontade. E assim procuramos fazer a vontade de Deus, uma vez que ela circunscreve os nossos desejos, para que possamos controlar os nossos desejos, em oposição aos nossos desejos que nos controlam.

Quando agimos de acordo com desejos simples, como veremos no Capítulo 3, por parte da mulher e do homem, descobriremos tristemente que esses desejos têm satisfação limitada num sentido de plenitude e totalidade. Assim, por exemplo, se o seu desejo por comida é uma obsessão controladora, então você descobrirá que precisa comer e, para ficar satisfeito, precisa comer mais, mas não pode ficar satisfeito porque precisa comer a próxima refeição e no dia seguinte e no dia seguinte, e pode se tornar destrutivo. Ao passo que quando praticamos a vontade de Deus, a sua bondade de amor e provisão, a sua bondade de presença, tudo isso fará com que as nossas vidas percebam a beleza, a graça, a bondade, a bondade e o poder de Deus nas nossas vidas para o conhecermos.

E ao conhecê-lo, passamos a nos compreender e a nos conhecer melhor. Tudo isso tem a ver com a maneira como contrastamos

a obra mais favorável e bela de Deus na criação, apresentada no capítulo 2. E então , infelizmente, no capítulo 3, falaremos disso como uma inversão do que Deus tem em mente para a criação.

Deixe-me concluir esta sessão, primeira parte, com algumas palavras sobre a historicidade do homem e da mulher e, particularmente, a nomeação de Adão e Eva. Eram pessoas reais, históricas, reais, ou simplesmente representavam a humanidade no seu sentido mais amplo? A história de Adão e Eva é apenas isso: uma história que não tem qualquer correspondência histórica com o que ocorreu ou com o que foi real. E usamos vagamente o termo histórico para descrever aquilo que corresponde à realidade ao real.

As melhores razões, penso eu, para considerar Adão e Eva como duas figuras históricas reais estariam no próprio Gênesis. Primeiro, os cabeçalhos. Os cabeçalhos, você deve se lembrar, são 11 e cruzam a história primitiva dos capítulos 1 a 11 até a história patriarcal particular dos capítulos 12 a 50, começando com Abraão.

E assim como Abraão e Isaque e Jacó e os 12 filhos de Jacó são descritos pelo autor como pessoas reais em um cenário real que pode ser historicamente relacionado a um período da história que conseguimos recuperar tanto de objetos materiais quanto também objetos escritos da Idade do Bronze Médio até a Idade do Bronze Final, aproximadamente 2.200 a 1.500, assim como podemos confirmar que a descrição de Abraão e sua família se ajusta à história real, uma vez que os cabeçalhos, estas são as gerações de pontes de ambas as metades de Gênesis, então o autor quer que entendamos também os capítulos 1 a 11 como eventos históricos reais. Sim, contada de uma forma diferente da história é muitas vezes explicada e contada na Bíblia e também na contemporaneidade, usando muito retrato, uma espécie de, sim, linguagem centrada no homem, compreendida pelo homem, para que possamos entender melhor, em oposição à linguagem técnica, científica e, às vezes, histórica. Assim, os cabeçalhos, pelo menos por parte do autor, você pode aceitá-lo ou rejeitá-lo, entendiam Adão e Eva como pessoas históricas reais, assim como Noé, e depois os descendentes de Noé ligados aos de Abraão.

Adão e Eva são tão reais quanto Adão é para Abraão e Eva para sua esposa, Sara. Depois, isso é explicado de uma segunda forma: as genealogias. Quando você pega as genealogias do capítulo 5 e do capítulo 11, a genealogia de Sete que vai até Noé, e depois o filho de Noé, Sem, no capítulo 11, que vai até Abraão, então pelas genealogias, você tem uma ligação de Adão a Noé até Abraão. .

E assim, por genealogias, o escritor está nos dizendo que estas são pessoas históricas reais e que há uma ligação entre o primeiro homem, o segundo Adão, porque Noé e sua família sobreviveram ao dilúvio, e depois a família particular de Abraão através de quem seremos informados de que Deus tem em mente uma bênção disponível para todos. Esta é a primeira parte da história do jardim. Em nossa segunda parte, retomaremos a história do final do capítulo 2, nos últimos versículos 24 e 25, e depois falaremos sobre o pecado que

ocorreu no jardim que tanto perturbou, mas não tornou completa e totalmente obsoleto. o bom plano de Deus para a humanidade.

Este é o Dr. Kenneth Mathews em seu ensinamento sobre o livro de Gênesis. Esta é a sessão 3A, A História do Jardim, Parte 1, Gênesis 2:4-3:24.